

NIGÉRIA NO SÉCULO XX E AS MARCAS DA COLONIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DE HIBISCO ROXO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

NIGERIA IN THE TWENTIETH CENTURY AND THE MARKS OF COLONIZATION: A PURPLE HIBISCUS ANALYSIS BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Nathalia Almeida Marcelo 1

Resumo: A obra de Chimamanda Ngozi Adichie, *Hibisco Roxo*, escolhida como principal objeto de pesquisa do presente estudo, teve como propósito analisar a representação dos acontecimentos que marcaram a Nigéria no século XX. Foi utilizada como contraponto a obra de Chinua Achebe, *O Mundo se Despedaça*, apresentando as mudanças drásticas que o processo de colonização deixou na cultura do povo nigeriano. O colonialismo foi um sistema constituído basicamente por dois grupos, o colonizador, opressor, interessado exclusivamente em ganhar e manter sua soberania e o colonizado, oprimido, alienado e usurpado de suas raízes, mesmo sendo resistentes. Na concretização pós-colonialista as teorias apresentadas reforçam e explicam as mudanças permanentes que o processo de colonização deixou na Nigéria. As discussões propostas buscam difundir o conhecimento em relação à cultura africana e a presença dos efeitos da colonização, em foco o discurso religioso, na atualidade do povo nigeriano.

Palavras-chave: Nigéria. Pós-Colonialismo. Colonizado. Colonizador.

Abstract: The work of Chimamanda Ngozi Adichie, *Purple Hibiscus*, chosen as the main research object of the present study, was aimed at analyzing the representation of the events that marked Nigeria in the 20th century. Chinua Achebe's work was used as a counterpoint, *The World Shatters*, presenting the drastic changes that the process of colonization left in the culture of the Nigerian people. Colonialism was a system basically constituted by two groups, the colonizer, oppressor, interested exclusively in gaining and maintaining its sovereignty and colonized, oppressed, alienated and usurped from its roots, even though they were resistant. In the post-colonialist concretion the theories presented reinforce and explain the permanent changes that the colonization process left in Nigeria. The proposed discussions seek to spread knowledge about African culture and the presence of the effects of colonization, in the focus of religious discourse, on the current situation of the Nigerian people.

Keywords: Nigeria. Post-Colonialism. Colonized. Colonizer.

Introdução

Desde que as civilizações passaram a se organizar em comunidades, os interesses econômicos dos grupos e das nações que deles se originaram priorizaram basicamente dois aspectos, a conquista de territórios e a obtenção de riqueza e poder. Tais aspectos foram cruciais na construção das identidades individuais e grupais, culturais e sociais tanto dos povos dominantes como daqueles que foram dominados.

Visando perpetuar o poder, povos com uma economia e poder bélico mais potentes passaram a dominar a economia no mundo e colonizar outras partes do planeta, trazendo de lá mão de obra, minérios e diversas mercadorias.

Atualmente, evidencia-se o poder da influência europeia e americana na economia mundial, enquanto numa perspectiva mais local e particular, nota-se de que forma o convívio com os europeus mudou para sempre o modo de vida e os relacionamentos não só entre os diversos povos como as relações interpessoais e familiares.

A Nigéria, mesmo após vários anos como colônia britânica, ainda sofre as consequências da colonização não só em sua economia, mas também em suas identidades, construídas predominantemente sob a influência do choque entre suas culturas tradicionais e a ocidental.

No ano de 1960 a Nigéria declarou sua independência do colonialismo britânico, porém em 1967 encarou uma violenta e brutal guerra civil que ficou mundialmente conhecida como a Guerra da Biafra, onde a parte leste da Nigéria, majoritariamente composto pelo povo Igbo, buscou emancipar-se do resto do país como a República da Biafra. A guerra civil causou inúmeras mortes, principalmente por fome, o que chamou atenção da população mundial.

Nos dias atuais, a Nigéria é o país com a maior população do continente africano e se encontra em oitavo lugar no ranking mundial, contando com a maior população negra do planeta. Além disso, possui uma das maiores densidades populacionais do planeta, aproximadamente um em cada quatro africanos é nigeriano. No país existem mais de 250 diferentes grupos etnolinguísticos, divididos entre muçulmanos e cristãos. Existe ainda um número significativo de pessoas que seguem religiões tradicionais africanas e são faladas cerca de 521 línguas. Os três maiores grupos étnicos do país são os Hauçás, os Igbos e os Iorubás.

A religião como forma de colonização foi um marco bastante expressivo na construção e na atual situação da história da Nigéria. Na época da colonização britânica, era mais simples delimitar religiões e tradições culturais, atualmente é algo incerto, baseado na complexidade de religiões e seitas presentes em diferentes locais do país. Como religiões mais difundidas a Nigéria possui o Islamismo abrangendo 50% da população e o Cristianismo com 40%, a parcela de 10% é dividida em seitas locais e algumas outras pequenas religiões. Rosa, Santos & Cardoso (2012) descrevem que a luta pelo poder na Nigéria é uma vontade presente do Islamismo que busca ocupar o poder central e impor de vez as bases da religião no país.

No presente estudo, foi analisado o romance *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie uma narrativa contemporânea, cujo pano de fundo é a Nigéria no final dos anos 80 e início dos anos 90. Fundamentando a análise, utilizou-se teorias e críticas pós-colonialistas, em destaque às que auxiliaram na compreensão das consequências dos processos da colonização e da descolonização na Nigéria, permitindo ir mais fundo nas marcas, influências e hábitos deixados pelo colonizador no país e em suas culturas, amplamente representados na obra da autora.

Como contraponto ao mundo africano moderno e globalizado representado por *Hibisco Roxo*, tem-se a obra *O Mundo se Despedaça* de Chinua Achebe, a partir da qual foram analisadas as representações na narrativa de Chimamanda. A escolha da obra de Chimamanda como foco principal do presente estudo se deu em função da organização ideológica dos capítulos, a relação de fatos históricos reais e a ligação do calendário litúrgico católico com os acontecimentos da obra, aspectos esses fortemente deixados pelo período colonial.

A autora Chimamanda Ngozi Adichie é natural de Enugu, na Nigéria e pertence à etnia Igbo. Nasceu no ano de 1977, seu pai foi o primeiro professor de Estatística e sua mãe a primeira escritora feminina, ambos na Universidade da Nigéria. Adichie estudou Medicina e Farmácia durante um ano e meio na Universidade onde seus pais trabalhavam e aos 19 anos ganhou uma bolsa de estudos na Universidade de Drexel, nos Estados Unidos, cursou Comunicação e Ciências Políticas, em seguida obteve o título de mestre em Escrita Criativa.

Albert Chinualumogu Achebe é natural de Ogidi, na Nigéria, e também pertencia a etnia Igbo. Nasceu em 1930 e faleceu em 2013. Estudou Inglês e Literatura na Universidade de Ibadan e em seguida lecionou por algum tempo até se juntar à Comissão Nacional de Radiodifusão em Lagos, em 1967 foi cofundador de uma editora em Enugu com o poeta Christopher Okigbo que logo veio a falecer na Guerra da Biafra. Em 1969 circulou pelos Estados Unidos com outros escritores ensinando nas universidades e ao retornar a Nigéria se tornou professor de Inglês na Universidade da Nigéria. Foi diretor de duas editoras nigerianas e após um acidente de carro que o deixou parcialmente paralisado mudou-se para os Estados Unidos e lecionou na Faculdade Bard até 2009 quando passou a lecionar na Universidade Brown até o fim de sua carreira.

Em sua obra, Achebe parte de diversos fatos históricos, como em Hibisco Roxo, que se passa nos anos após a Guerra da Biafra, provavelmente na década de 1980. Esta cronologia pode ser estimada, pois o líder militar apresentado na obra coincide com o líder nigeriano Ibrahim Babangida (1941) que assumiu o poder por meio de um golpe militar em 1985. Seu governo foi um dos mais corruptos da história da Nigéria e incluíram abusos dos direitos civis e humanos, assim como muitos apresentados na obra. A história do personagem Ade Cocker também coincide com fatos reais, o jornalista nigeriano Dele Giwa, falecido em 1986, assassinado por um pacote bomba. Partindo dessas escolhas da autora, pode-se visualizar o contexto histórico e político presente nesta obra, bem como analisar a representação construída pela autora da formação identitária desses imigrantes, que passam a viver em constante alternância entre duas ou mais culturas.

Na obra Hibisco Roxo, o enredo gira em torno de uma família influenciada pelos rumos da sociedade urbana nigeriana da qual fazem parte. Em sua narrativa, observam-se fatos de suma importância, tais como, a colonização e a recente independência da Nigéria e como esses fatos afetaram diretamente as relações sociais, laços e identidades e comportamento de seu povo.

Em suma, a narrativa é protagonizada e narrada por Kambili, uma adolescente cujo relato expõe as mudanças nas religiões e crenças dos povos africanos em decorrência da colonização, bem como os danos causados pelo extremismo religioso cristão. As religiões cristãs, incorporadas à cultura africana por imposição e influência dos brancos europeus alteraram as crenças dos povos da Nigéria, trazendo conflitos retratados em várias obras de autores nigerianos, dentre elas Hibisco Roxo, de Chimamanda.

A adoção total do cristianismo e rejeição das religiões e cultos tradicionais é representada pelo pai de Kambili, cujo comportamento e devoção inquestionável aos dogmas Cristãos devastam lentamente sua família. Eugene, pai de Kambili, é um grande empresário na cidade teme e repudia as tradições pré-coloniais do povo nigeriano, chegando a rejeitar o próprio pai, que insiste nas práticas ancestrais. Os conflitos vividos por Eugene fazem dele alguém com características duras e marcantes, em especial com os membros da família, contradizendo seu papel de benfeitor para com os mais pobres (ADICHIE, 2017, pág. 33).

Kambili, durante uma temporada na casa de sua tia, acaba conhecendo e criando bastante afeição pelo Padre Amadi que é obrigado a deixar o país por falta de segurança. Tal ocorrido revela uma duplicidade observada na obra onde, apresentam-se as aventuras e desventuras de Kambili e sua família e um retrato incisivo e real da Nigéria pós-colonial, revelando as marcas deixadas pela colonização pelo Reino Unido na década de 1960.

O título da obra, bem como as referências na divisão de capítulos, remete às características da flor do hibisco e os traços do advento e quaresma, período em que no catolicismo é simbolizado pela cor roxa. O hibisco simboliza a virtude e a beleza de uma forma delicada. Essa flor também é conhecida com o “Mimo de Vênus” e do grego *Hibiscus*, que significa Ísis ao qual se refere à egípcia Deusa Ísis, a deusa da fertilidade, modelo de mãe, esposa e amiga dos oprimidos. No período da Quaresma, que tem início na quarta-feira de cinzas e fim na quarta-feira da Semana Santa, os católicos se preparam para a Páscoa. Nesse período a igreja católica propõe por meio do Evangelho proclamado na quarta-feira de cinzas três grandes linhas de ação: a oração, a penitência e a caridade, essas linhas de ação são encontradas na obra em diversos episódios da família de Kambili. O roxo surge com a cor litúrgica desse tempo que simboliza a penitência e a contrição. Como contraponto, foi observada a importância da religião no processo da colonização representada em O Mundo se Despedaça, os resultados deixados pela imposição do cristianismo e a relação entre os símbolos religiosos, a flor de hibisco e o calendário ecumênico que nomeia os capítulos de Hibisco Roxo

posteriormente, no desenvolvimento dos capítulos.

A teoria e crítica pós-colonialistas apoiaram no processo de compreensão das literaturas pós-coloniais e permitiu-se ir a fundo nas marcas deixadas pela colonização. Visto que a literatura é um meio de propagação de uma cultura, bem como o discurso que cada obra carrega não podemos deixar de analisar o contexto histórico de cada uma, seja o tempo narrativo ou o tempo de sua publicação.

Vale salientar que discutir literatura pós-colonial vai além de alinhar fatos históricos, políticos e econômicos, é também trazer para o primeiro plano a cultura de um povo e então colocá-la diante desses fatos históricos, políticos e econômicos a fim de compreender os processos de colonização e de descolonização pelo qual passaram. Segundo Edward Said (1990) ao estudar o oriente, a África e ex-colônias, é necessário conscientizar-se da imagem criada pelo colonizador sobre o colonizado, fazendo com que um povo seja reduzido a um estereótipo que o mantém inferiorizado e preso ao colonizador. Ao discutir a literatura pós-colonial dá-se voz ao colonizado e a chance para que este possa contar sua própria história.

Assim, a crítica pós-colonialista, por conseguinte, propõe uma nova interpretação e reescrita das tradições demonizadas pelo Colonialismo. Propõe, igualmente, alterar o foco da crítica, num movimento que vai da cultura determinante para a cultura determinada, com a finalidade de conhecê-la e oferecer um novo significado. Não é mais somente ler um texto por intermédio da ótica da cultura dominante, mas, sim, interpreta-lo de acordo com a cultura do dominado.

Bhabha (1998) descreve que o indivíduo pós-colonial deposite seu ponto de vista contra o outro, mantendo uma vasta abertura, na situação de reverter às estruturas de dominação colonial. Logo, “o hibridismo intencional de Bakhtin foi transformado por Bhabha em um momento ativo de desafio e resistência contra o poder colonial dominante [...] negando à cultura imperialista imposta a autoridade conseguida pela violência”. Partindo da interdependência entre colonizador e colonizado e da contradição hierárquicas das culturas, Bhabha afirma que os sistemas culturais são edificados em um ambiente denomina “terceiro espaço da enunciação” (1998, pág. 37), espaço esse ambivalente e contraditório, de onde surge a identidade cultural. Por conseguinte, o hibridismo é o lugar onde se realiza a diferença cultural.

Como vívido exemplo de como funcionam esses discursos, disponível no site “ted.com” sob o título original de *The Danger of a Single Story*, com tradução de *O Perigo de uma História Única*, Chimamanda Ngozi Adichie começa seu discurso relatando sobre sua vida, no período da infância com aproximadamente 8 anos de idade, quando ficou admirada ao saber que a família de um garoto que trabalhava para a família dela, eram artesãos de um típico cesto local, feito de ráfia seca. A autora relata que sua admiração se deu por tanto ouvir que o garoto era de uma família pobre, logo, seriam pessoas impossíveis de produzir algo. A definição sobre eles era somente “pobre”. Aos 19 anos, Chimamanda deixou a Nigéria e foi para os Estados Unidos, para cursar a universidade, lá ela viveu o inverso da história única. Sua companheira de quarto ficou chocada ao descobrir que a língua oficial da Nigéria era o inglês e ficou desapontada ao querer ouvir uma música tribal e Chimamanda lhe mostrou uma fita cassete da Mariah Carey.

Discurso é Poder

Analisar um texto partindo de uma perspectiva política e social, tendo como referência a relação entre discurso e poder são abordagens das teorias e da crítica pós-colonialistas. Partindo de uma ideia pós-estruturalista, no que se refere à equação discurso e poder em relação a uma perspectiva anti-humanista de construção do texto com estratégias de poder e controle, segundo Bonnici (2009) a política e a economia, o controle ideológico e social estão implícitos nos discursos e nos textos – incluindo o literário – ficando evidente que o poder busca produzir um discurso cujos resultados obtenham o máximo efeito possível, ou seja, o texto é ambíguo e o significa é relativo.

O filósofo Michael Foucault na obra *A Ordem do Discurso* (1970), fruto de sua primeira aula no *Collège de France*, traz discussões sobre o poder do discurso e deixa de lado toda e qualquer explicação, interpretação e sentido simples e direto do discurso e analisa e reconhece que o discurso é fruto das práticas sociais e culturais no qual necessita da atividade dos indivíduos para poder ser efetivo, entretanto, a subjetividade do discurso se dá através de sua prática. Os indivíduos que se

manifestam fora dos parâmetros do discurso dominante, como por exemplo, a soberania do branco sobre o negro, são definidos como loucos ou reduzidos ao emudecimento, ou seja, a questão do indivíduo não pensar e nem falar sem obedecer aos arquivos de regras e restrições sociais que controlam a escrita e o pensamento geram um certo logocentrismo (poder da palavra para criar um sistema de verdades) ferramenta bastante eficaz no processo de formação ideológica. Ao analisar os campos discursivos, Foucault verifica que esses parâmetros se desenvolvem em momentos específicos da história e conclui que os indivíduos não agem ou pensam sem regras e limitações sociais e cita as instituições religiosas, educacionais e jurídicas como exemplo de propagadores de discursos preestabelecidos, pois definem o que é racional e aceitável.

Segundo Bonnici “[...] o saber das ciências humanas é construído porque as pessoas foram persuadidas a aceita-lo como tal. É saber por que o discurso é tão poderoso que nos faz acreditar que seja saber. O saber, portanto, é produzido pelo poder” (pág. 258). A questão da veracidade desse discurso, segundo Foucault, não é importante já que a “verdade” é produzida pelo poder.

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar o discurso não é simplesmente àquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (FOUCAULT, 1986, pág. 10-11).

Tais discursos determinam nosso modo de pensar e nos persuadem ao autopolicimento e a supervisão de outros, por isso os discursos se perpetuam pelos usuários que o reproduzem. Para Foucault ao internalizarmos o discurso, organizamos nosso ponto de vista e nos tornamos um elo (inconsciente) na cadeia do poder, portanto, o autor coloca a linguagem no centro do poder social e das práticas sociais.

Identidade Pré e Pós-Colonial

A fim de compreender melhor o processo de construção do sujeito social, deve-se ter como marco inicial as mudanças pelas quais passaram as identidades. Compreender as diferenças conceituais que definiram esse sujeito revela uma compreensão profunda de suas ações, reações e mudanças. Stuart Hall (2003) ao falar do sujeito pós-moderno, pondera que não exista apenas uma identidade que seja capaz de definir caracteristicamente um sujeito. O autor parte do princípio que cada indivíduo possui inúmeras formas de se incluir como parte complementar da sociedade, tais como raça, etnia, religião dentre outros, ou seja, o sujeito não possui apenas uma identidade fixa e imutável, ele é formado de várias identidades. Por isso surge a ideia de que as identidades estão se tornando cada vez mais descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas.

Hall (2003) demonstra que a pós-modernidade desconstrói a ideia de um sujeito com identidade fixa e unificada, agora há um descentramento do sujeito, com um leque amplo e aberto para identidades variáveis.

Em relação à identidade formada a partir de fins religiosos, como é narrado na obra *Hibisco Roxo* em relação ao tratamento dado por Eugene aos demais membros da família, é fato que a igreja católica ao longo da história sempre buscou se preocupar com a fé e partindo dessa preocupação desenvolveu mecanismos que possibilitaram defender sua unicidade, contendo possíveis dissidências. Tanto os tribunais eclesiásticos como a inquisição, foram fortes expressões dessa vontade e convieram para assinalar esse lugar dentro do Catolicismo (SOUZA & SILVA, 2017).

Souza & Silva (2017) descreve que é “Função própria da Congregação da Doutrina da Fé é promover e tutelar a doutrina sobre a fé e os costumes em todo o mundo católico: é, portanto da sua competência tudo o que de qualquer modo se refira a essa matéria”. E cita ainda “A fim de tutelar a verdade da fé e a integridade dos costumes, ela empenhasse incansavelmente por que a fé e os costumes não sofram dano, por causa de erros de qualquer modo divulgados”. Evidenciando a finalidade de defender o patrimônio sagrado da fé contido nas escrituras sagradas e nas tradições da igreja.

Partindo desse discurso que se garante que a igreja católica possui a tutela da fé, reforçando o dogma da infabilidade diante dos fieis. Desse modo, a igreja católica cumpre o direito de construir, moldar e reformar subjetividades, tendo em vista a “unicidade da fé”. Assim, quando afirma que é seu dever “tutelar a verdade da fé e a integridade dos costumes”, questiona uma ideia a qual existe uma verdade ou outra versão que necessita ser defendida, logo, tudo que não aquilo que não for configurado nesse campo é classificado como violação dessa verdade (SOUZA & SILVA, 2017).

Alguns teóricos pós-colonialistas, como Homi Bhabha (1994), apresentam um modelo que parte do indivíduo excluído ou de um povo excluído, ou melhor, o povo colonizado, e demonstram que acontecimentos mudaram a identidade e a cultura através do colonialismo, tanto dos que ali já estavam, quanto dos que migraram de outras regiões. Este movimento dos indivíduos, como a convivência com uma nova cultura trazida pela colonização ou a migração nos leva às condições da diáspora, também muito discutido por Bhabha.

O sujeito diaspórico, o qual convive distante de suas terras de origem e de sua cultura, situa-se entre voltar as suas origens das quais não são as mesmas e por viver uma nova realidade com línguas e culturas distintas. Esse sujeito carrega traços de sua cultura original e ao ambientar-se em uma nova cultura ele é obrigado a assimilar grande parte da cultura dessa nova sociedade e da relação com novas pessoas surgem os estereótipos tais como “o chinês”, “o negro”, “o japonês”, podendo ser classificados como fatores de marginalização. E assim vai sendo estruturada a sua identidade, partindo da materialidade do seu cotidiano, as vivências e acontecimentos por ele experimentado se interioriza à medida que acontecem (BRAH, 2002).

“As sementes para uma identidade pós-colonial estão na descoberta de uma alteridade interna no sujeito e na cultura” (HARRIS, 1992 *apud* SOUZA, 1997, pág. 125). Basicamente forçado a alicerçar uma identidade nova, o sujeito híbrido passa a utilizar o que foi destruído como peças para a construção de um novo “eu” com resistência a ideologia e ao poder, deixando assim de ser objeto e passa de fato a ser sujeito.

Para Bonnici (2005) a identidade híbrida pode ser linguística, política, racial ou cultural, e o sujeito faz uso dela para sobrepor-se diante das dificuldades sociais, se harmonizando na diversidade sem a necessidade de inferiorizar o outro. Hibridismo, então, “trata-se de um processo de tradução cultural [...] do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou ‘inerentes’ de transformação” (HALL, 2003, pág. 74-75).

Hall alerta ainda que o termo não se aplica com os mesmos significados para todos os países, logo o termo não se restringe a uma ou outra sociedade. Isso se explica pelo fato de que cada país passou por um tipo de experimento colonial diversificado e, assim, suas experiências pós-coloniais variam em diversos aspectos.

[...] a transição para o pós-colonial é caracterizada pela independência do controle colonial direto e pela formação de novos Estados-Nação, por formas de desenvolvimento econômico dominadas pelo crescimento do capital e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento (HALL, 2011, pág. 103).

De acordo com Hall (2007, pág. 109) é necessário entender e compreender que as identidades são estabelecidas dentro dos discursos e “emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica”. Tendo em vista este conceito, as identidades do sujeito pós-colonial são caracterizadas por vários elementos estreitamente ligados à história, classe social e sociedade de suas raízes, ao gênero ou etnia.

Assim, de acordo com Hall (2003, pág. 113), o pós-colonial significa todo o processo de colonização, exploração, expansão e superioridade imperial que criou a face da modernidade capitalista europeia. Nas narrativas pós-coloniais a história da modernidade capitalista é deslocada do centro europeu para as periferias, gerando uma interrupção crítica na grande narrativa

historiográfica. Esses deslocamentos modificaram as próprias colônias em localizações diaspóricas, colocando em questão características culturais locais sendo originárias do povo ali presente ou trazidas no movimento diaspórico por outros povos.

Maffesoli (2005) relata que na pós-modernidade os sujeitos são definidos de acordo com as identificações que possuem em relação a gostos e interesses próprios. O ser humano é fragmentado e não pode ser definido como um sujeito homogêneo, o sujeito pós-moderno aceita suas incoerências e contradições em que uma posição centrada com relação a tudo que há a seu redor não lhe é mais cobrado.

Hall (2003) relata que na pós-modernidade foi instalado uma crise de identidade, onde antes estava instalada de forma centrada e estável, agora não está mais. O sujeito não possui uma identidade essencial ou permanente.

Na pós-modernidade, as identidades podem ser acolhidas e descartadas, o problema chave a ser observado é como o sujeito pós-moderno cria e adapta suas identidades. Assim, o sujeito pós-moderno só é entendido quando é colocado na perspectiva histórica, tendo o risco ainda do mesmo apresentar comportamentos de crises pela busca de sua identidade (HALL, 2005).

Cultura do Colonizador nos Espaços Colonizados

O mecanismo de funcionamento entre a relação colonizado e colonizador dava-se que este imprimia nos indivíduos dominados a cultura e o sentimento de inferioridade com finalidade de explorar e justificar sua dominação. Ferreira (1987, pág. 11) cita “o homem branco é eleito como o grande sacrificado”, assim, o homem negro devia ter gratidão em relação aos colonizadores pelo fato de assumirem o peso de distanciar o negro de seu caráter de estupidez. Cabe ressaltar que a visão de civilização criada e repassada pelos colonizadores, naquela época vigente na Europa, consistia em inferiorizar o homem negro.

Munanga descreve que,

No cotidiano, o negro vai enfrentar o seu inverso, forjado e imposto. Ele não permanecerá indiferente. Por pressão psicológica, acaba reconhecendo-se num arremedo detestado, porém convertido em sinal familiar. [...] Perguntar-se-á afinal se o colonizador não tem um pouco de razão. [...] Bem divulgado, o retrato degradante acaba por ser aceito pelo negro, e contribuirá para torná-lo realidade e, portanto, uma mistificação. [...] Em pouco tempo, a situação colonial perpetuasse, fabricando uns e outros (MUNANGA, 1988, pág. 26).

A violência é um fator que se apresenta no discurso do colonizador de forma extrema, essa ideia entrou de tal forma na mente do homem negro, que gerou um bloqueio que o impede de agir naturalmente, originando dois tipos de comportamento: a aceitação e o repúdio, ou seja, ou ele aceitava a inferioridade em relação ao homem branco, fazendo parte de seus costumes, língua e cultura ou criava um ódio intenso em relação ao homem branco. Fanon (2008, pág.49) cita o encontro dos antilhanos com os parisienses como sendo, “[...] ou sustentar o mundo branco, isto é, o mundo verdadeiro [...]; ou rejeitar a Europa [...]”.

À medida que as narrativas da ação colonizadora dão pistas de um processo de descivilização do colonizador, mas ignorante é o mesmo em relação ao outro. Dentre todas as formas de tentar alienar o colonizado, aquele que tenta esse domínio também se torna um alienado, fato que confirma a ideia de que o processo de colonização de um determinado lugar é prejudicial para ambas às partes, tanto para o colonizado, quanto para o colonizador. A perda para ambos é enorme, transformando “um” e “outro” vítimas do processo colonial (MEMMI, 1997).

Dentro do processo de colonização, o meio colonial cria diferentes formas de perfil do colonizado a fim de encaixá-lo em uma representação inicialmente estabelecida do outro. Dessa forma, o colonizado é delineado de acordo a vontade do colonizador. É um ciclo que inventa uma imitação do outro que passa a ser uma repetição do mesmo. Segundo Bhabha *apud* Skliar (2003,

pág. 111), “[...] o objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução”. São criados alguns padrões que representam o outro deposto de qualquer valor, gerando assim nele a necessidade que outro indivíduo lhe dê orientações, lhe dê ordens, o governe de forma geral, criando assim o sentimento de fraqueza e necessidade.

Bhabha (1998) apresenta três meios dos quais o colonizado utilizou e com eles passou a adquirir voz e a se expressar mostrando a sua não aceitação a tudo que acontecia, são eles, a mímica, a paródia e a cortesia dissimulada. A mímica seria uma reprodução perturbadora do colonizador por parte do colonizado, quando copia a cultura, os valores, os costumes, mas carrega os de seus próprios valores. A mímica não provoca ação imediata por parte do colonizador, pois o mesmo acredita que a imitação é uma aceitação das situações impostas por ele e se mostra uma forma não violenta também de revidar. Da mesma forma se dá à atuação da paródia, porém utilizando a escrita, onde se fazia a reescrita dos textos europeus subvertendo-lhes o conteúdo a fim de mostrar que não aceita o que lhe é imposto. E por fim a cortesia dissimulada, que consiste em ações agradáveis ao colonizador, porém com sentidos opostos internamente.

Permanência da Religião

Rosa, Santos & Cardoso (2012) relatam que as lutas pelo poder e o controle político da Nigéria tem por base o desejo dos estados Islâmicos de ocupar o poder central e impor as bases do islamismo na religião no país. Mesmo que não seja possível apontar ou culpar de forma direta a religião como causa dos eventuais conflitos existentes no país, as trágicas consequências como às guerras internas revelam a imensa divisão existente no país, de um lado a Sharia e o Islamismo e do outro o Cristianismo. Porém a introdução da Sharia nesses 12 estados tornou-se um dos fatores importantes no desencadeamento de uma série de conflitos entre muçulmanos e cristãos.

Os conflitos religiosos que ocorrem na Nigéria dividem o país em duas parcelas, ao sul a predominância cristã e ao norte a predominância muçulmana.

Como a imensa maioria dos Estados Africanos, a Nigéria é uma construção política artificial criada pelos Europeus, no caso pelo colonialismo britânico. Mesmo durante o período pré-colonial, o que hoje identificamos como o território Nigeriano, nunca foi unido. Durante a época colonial e mesmo depois da independência, conquistada no início da década de 1960, o embate entre forças unificadoras e desagregadoras da nação tem sido uma característica marcante da evolução política do país. A estruturação do espaço político Nigeriano pode ser entendida no contexto de uma divisão dual, de natureza geográfica e religiosa que opõe, de uma forma bastante genérica, um Norte Muçulmano politicamente dominante a um Sul, cristianizado e animista, economicamente mais próspero (MORI, 2008).

De acordo com Mori (2008) os conflitos religiosos da Nigéria são sequelas da fraca unidade nacional forçada pela colonização, que no decorrer da história caracteriza as ex-colônias europeias situadas na África, por conta de sua história evolutiva. Dividido, o país tem como base de suas disputas a religião, a força política, e o desenvolvimento econômico, sendo o norte menos desenvolvido e islâmico, e o sul mais desenvolvido economicamente e cristão. Observa-se, no entanto, que tal disputa entre as religiões não passam de tentativas para reestabelecer o domínio político no país.

Oficialmente, o governo nigeriano é caracterizado como Laico, ou seja, um governo que não pode propor uma religião. Essa normativa, no entanto, é constantemente ameaçada pela expansão do Islamismo no país cujos legisladores não consideram e desrespeitam a própria constituição, impondo as regras do Corão em alguns estados onde ele domina (RUSTAD, 2008).

Tanto os Muçulmanos como os Cristãos perceberam que a religião é um meio extremamente efetivo de mobilizar uma grande massa de pessoas. Líderes locais de ambos os lados

manipularam cinicamente a religião, gerando consequências desastrosas (TAKIRAMBUDE *apud* ROSA, SANTOS & CARDOSO, 2012).

O Cristianismo é considerado uma religião superior pelo fato de ter sido uma herança da colonização britânica entre os séculos XIX e XX. Já a religião Islâmica foi imposta à força pelos povos da África do Norte, por membros que se mostraram decididos a escravizar todos aqueles que fossem contrários ao Islamismo, embora uma grande parte da população tenha escondido sua religião a fim de não perderem suas raízes.

Como já discutido no primeiro capítulo o cristianismo trazido pelos missionários foi um instrumento de colonização e junto com ele veio também o sistema econômico e judiciário. A obra *O Mundo se Despedaça* de Chinua Achebe narra a chegada do homem branco nas tribos africanas e proporciona por meio do personagem Okonkwo, visualizar o impacto dessa mudança no indivíduo nativo. Já na obra *Hibisco Roxo* tem-se o personagem Eugene como um exemplo concreto da dominância da religião mesmo em um período pós-colonial, ou seja, sua permanência.

Já o padre Amadi representa uma nova geração de padres cuja missão não era mais evangelizar os pagãos, mas sim reforçar a presença do cristianismo onde estivesse e por isso acaba por abraçar parte da cultura local como o uso da língua nativa durante suas missas e da música, e ainda interage socialmente na comunidade que convive.

Aceite da Língua Inglesa

A Nigéria atualmente tem como língua oficial o inglês, que foi introduzido pelas colônias britânicas. Porém é válido salientar que apenas uma pequena parcela denominada a elite pertencente ao centro de Abuja, capital nigeriana, utiliza o inglês na comunicação cotidiana, pois a grande parte da população se comunica com um dialeto originado da fusão de uma língua indígena com a língua oficial, o Inglês, normalmente designado de Pidgin, ou também conhecido e citado por outros autores como Quebrado ou Crioulo Inglês (ROSA, SANTOS & CARDOSO, 2012).

Um processo marcado fortemente na história da Nigéria e que serviu de alicerce para construção do processo educativo da população nigeriana e introdução da modernidade foram os processos de evangelização missionária mais especificamente ao sul do país. Tais atividades de evangelização e de cunho educacional inseridas nessas missões religiosas e pelas autoridades britânicas serviram e foram de contribuição fundamental para moldar também outro setor nigeriano, o político. Lopez (2006, pág. 98) relata:

Evangelização do sul do futuro Estado Nigeriano contribuirá para educar primeiramente essas populações, destacando a efik, igbo e yoruba, dando-lhes certa ascendência, no plano educativo, sobre as etnias muçulmanas que viviam a ser colonizada pelos britânicos em princípios do século XX.

De acordo com Lopez (2006) o Pidgin English é mais utilizado, ou melhor, falado ao sul da Nigéria em uma grande área da costa marítima e em várias áreas urbanas. O Pidgin English ainda é subdividido em quatro outras variedades, segundo distinções classificadas por linguísticos nigerianos, destacando o Pidgin de Benin, o Pidgin do Delta, o Pidgin de Lagos e o Pidgin de Cross River. Em suma, é um dialeto entre nigerianos, assim como um Pidgin entre africanos e europeus, e africanos de diferentes línguas, sem unificação da ortografia.

A propagação do ensino ocidental na Nigéria deveu-se aos missionários, que pensavam estes que as crianças nigerianas receberiam um estudo melhor se este fosse feito através da sua língua materna, apresentavam o inglês como superior, tanto na educação como no setor da evangelização, tendo em vista que a parte elite da população das colônias, tanto para o trabalho como para necessidades comerciais, exigiam a fluência do inglês (LACERDA, 2011).

A superioridade da língua inglesa persistiu em meio nigeriano no período entre o fim do século XIX até depois da independência do país no ano de 1960. Os contínuos governos da Nigéria jamais cogitaram que alguma língua nacional fosse promovida como obrigatória, o inglês estava enraizado na cultura nigeriana e a cada governo era obrigado a encorajar mais e mais a prática do inglês forçando a população a aprendê-lo, mesmo com dificuldades. As crianças apresentaram mais

dificuldades no aprendizado da então obrigada língua pelo fato de chegarem à escola portando suas línguas maternas (LACERDA, 2011).

O peso da língua inglesa é também ressaltado em *Hibisco Roxo*, em vários momentos a personagem Kambili resalta que seu pai não gostava que falassem em Igbo quando estivessem em público e também apontava o estranhamento quando ele utilizava expressões na língua nativa, pois ele era o maior defensor da superioridade do idioma.

- Jaja, você não bebeu conosco, *gbo*? Não há palavras em sua boca? - perguntou, falando em igbo. Aquilo era um mau sinal. Papa quase nunca falava em igbo e, embora Jaja e eu usássemos a língua com Mama quando estávamos em casa, ele não gostava que o fizéssemos em público. Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês. A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado (ADICHIE, 2011, pág.19-20).

Símbolos na Obra *Hibisco Roxo*

A obra *Hibisco Roxo* é narrada em primeira pessoa e retrata, em grande parte de suas passagens, a história de vida de Kambili, filha mais nova de uma família pertencente à classe alta em Lagos, na Nigéria. A família é composta ainda por Jaja, seu irmão mais velho, Beatrice, sua mãe e Eugene, seu pai. Vivem em uma mansão e convivem em uma atmosfera densa e marcada pelo constante medo da opressão de Eugene que, educado nos princípios católicos, guia toda a família baseando-se nos preceitos e parâmetros do comportamento esperado dos católicos, cujas leis e regras são exigidas em sua casa, sendo seguidos literalmente, de forma agressiva, rígida e abusiva.

Durante seus sermões, o padre Benedict sempre falava do papa, do meu pai e de Jesus – nessa ordem. Ele usava meu pai para ilustrar os evangelhos. “Quando deixamos que nossa luz brilhe diante dos homens, estamos refletindo a Entrada Triunfal de Cristo”, disse ele naquele Domingo de Ramos. “Vejam o irmão Eugene. Ele poderia ter escolhido ser como outros Homens-Grandes deste país [...] ele usou o *Standard* para falar a verdade [...] O irmão Eugene se manifestou em nome da liberdade. Quantos aqui defenderam a verdade? Quantos refletiram a Entrada Triunfal?” (ADICHIE, 2011, pág. 11).

A personalidade de Eugene é mostrada ao leitor por meio de duas diferentes perspectivas. Por um lado, é considerado um herói pela sociedade onde vive e por Kambili, por encarnar o homem bem-sucedido e rico, generoso com quem solicita sua ajuda, membro assíduo da igreja, conhecido por fazer grandes doações e propagar a palavra de Deus e o catolicismo. Por outro lado, há a realidade de sua vida doméstica e familiar, totalmente dissonante dessa imagem de bondade que ele exterioriza fora de sua casa. Ao contrário do que se poderia imaginar, em casa Eugene é temido pelos seus filhos e esposa.

Ao analisar a simbologia presente na obra *Hibisco Roxo* algumas delas podem ser classificadas como universais. A autora utiliza em sua escrita, símbolos que podem ser compreendidos e identificados facilmente por diferentes culturas: o feminismo, por exemplo, no que se retrata a exposição das opressões sofridas pelas personagens femininas da obra em relação ao silêncio imposto por Eugene, a transição da adolescência para a vida adulta e a rebeldia vivida nessa fase, a construção da identidade do indivíduo e a indagação dos padrões que são impostos a família pela religião. O costume nativo da poligamia, dentre outros, Eugene não aderiu provavelmente devido às regras da religião católica.

Os membros das nossas *umunna* até mandaram pessoas para falar com seu pai e insistir que ele tivesse filhos com outra mulher. Tantos tinham filhas disponíveis, muitas das quais formadas em universidades e tudo. Elas poderiam ter parido muitos filhos, tomado conta da nossa casa e nos expulsado,

como a segunda esposa do senhor Ezendu fez. Mas seu pai ficou comigo, ficou conosco (ADICHIE, 2011, pág. 26).

Em meio às reflexões de sentidos e significados entre paganismo e religiosidade, cultura e família, riqueza e pobreza, conceitos de raça, política, amor e ódio, Chimamanda retrata de forma expressiva o abuso por parte de Eugene sentido em cada palavra narrada pela personagem Kambili, a rebeldia que aos poucos vai sendo desenvolvida em Jaja e a tristeza de Beatrice em ver e viver uma vida refém dessa situação violenta e silenciosa. Entre todos da família Kambili é a única que parece enxergar com naturalidade o comportamento do pai, e é possível perceber um endeusamento mesmo que ela também seja vítima da violência dele.

Papa merecia elogios por não escolher ter mais filhos com outra mulher, é claro, por não escolher ter uma segunda esposa. Mas Papa era mesmo diferente. Eu ficava incomodada ao ouvir Mama compará-lo com o Sr. Ezendu ou com qualquer outra pessoa; aquilo o rebaixava, o maculava (ADICHIE, 2011, pág. 26).

Em suma, Eugene é o principal exemplo do indivíduo colonizado que não aceita e nega suas origens e permanece em constante processo de aceitação pela cultura do colonizador, no caso a cultura inglesa, cultura esta dominante na época, fortemente marcada pela supremacia do homem branco. Distanciando mais ainda de suas raízes Eugene exige o mesmo de sua família, em público devem se comunicar somente em inglês e os filhos estudam somente em colégios religiosos.

O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e o kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia "nativas" a linha reta de seus lábios pendia nos cantos e formava um U invertido (ADICHIE, 2011, pág. 10).

Na obra fica claro de que forma a religião do colonizador repercutiu socialmente e na convivência familiar, desde o uso da língua à recusa aos costumes mais antigos das religiões nativas. E principalmente é possível sentir o quanto é violenta essa mudança, culturalmente e fisicamente.

Considerações Finais

A proposta inicial desta pesquisa foi contribuir com a análise de obras de autoria africana, em específico por meio da obra *Hibisco Roxo* da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. No decorrer da leitura da narrativa foram detectados alguns elementos predominantes que permite compreender com maior profundidade as condições sociais, políticas e econômicas da Nigéria e conduz na história do país desde o seu período pré-colonial. Para complementar as referências ao período pré-colonial foi incluído a obra *O Mundo se Despedaça* do autor, também nigeriano, Chinua Achebe, devido à riqueza de detalhes utilizados pelo mesmo para retratar a chegada do colonizador e o peso dele na cultura nativa. Com o apoio dessas duas narrativas foi possível contrapor os elementos levantados nos períodos pré e pós-colonial e assim visualizar a situação da identidade dos indivíduos pós-colonizados.

Inicialmente ao verificar o percurso histórico da Nigéria, seja por meio das literaturas históricas ou dos romances trazidos nesta pesquisa, identificou-se não só como o discurso do colonizador agiu fortemente em prol de seu interesse econômico e territorial, mas também outra ferramenta utilizada por ele: a religião cristã. Por meio do seu discurso dominante e do reforço à inferioridade do colonizado a cultura local alienou-se, e além de se adequar à nova cultura imposta ela também a reforça em período pós-colonial. As concepções de sujeito e a movimentação de sua identidade desde um momento pré-colonial, passando pelo colonial, até o pós-colonial nos permitem compreender como o meio social influencia a forma que ele se posiciona socialmente.

Posteriormente deu-se início à investigação da presença do discurso religioso no romance

Hibisco Roxo e foi aprofundado a ótica nos símbolos e significados do catolicismo recorrentes na obra de Chimamanda. Fica claro de que forma a religião do colonizador repercutiu socialmente e na convivência familiar, desde o uso da língua à recusa aos costumes mais antigos das religiões nativas. E principalmente é possível observar o quanto é violenta essa mudança, física e culturalmente.

Chimamanda retratou desde o título da obra uma forte ligação com o cristianismo, tendo em vista a simbologia observada: primeiramente a flor de hibisco possui uma enorme diversidade e estas são adaptadas aos diferentes ambientes das quais estão inseridas, assim como muitos dos personagens; é também conhecida como “Mimo de Vênus”, em referência a deusa da fertilidade, simboliza a virtude e a beleza delicada. A cor roxa está relacionada com o Tempo do Advento católico e encontramos também referência a outras datas cristãs como Natal, Quarta-feira de Cinzas e a Páscoa. Esse fato pode ter sido uma forma crítica que a autora utilizou em relação aos inúmeros eventos negativos desencadeados pela colonização tendo como base a religião católica.

Como relatado na história do país e apresentado na obra Hibisco Roxo, a religião católica desencadeou um processo muito marcante nos costumes nigerianos, tais acontecimentos evidenciam a realidade de choque religioso existente atualmente no país, onde uma parte do mesmo é dominada pelo cristianismo, herança da colonização britânica e outra pelo islamismo imposto por forças do Norte Africano. A luta é por território e o islã visa conquistá-lo a todo modo a fim de inserir suas bases e cultura. A interação do governo é mínima tendo em vista que o país é laico.

Na Nigéria da atualidade, foi observado o quanto o poder do discurso dos colonizadores sobre os colonizados tiveram grande peso na realidade atual do país, desde os costumes religiosos e afetando até a situação econômica. O uso pela autora de referência a fatos verídicos da história do país na narrativa de Hibisco Roxo nos permite vivenciar uma realidade, como se estivéssemos acompanhando a situação política e social da Nigéria na íntegra.

Assim, Chimamanda retrata que toda uma história vivida serve de base para formar o indivíduo e que essa formação não depende somente das experiências negativas. A história única traz um indivíduo estereotipado e os formam incompletos, dificultando o conhecimento do lado humano compartilhado e destacando como os humanos são diferentes.

Chimamanda demonstra que a desconstrução dos personagens da obra, comprovando logo os deslizos de se conhecer a história única, fugindo do marcado estereótipo que se tem a respeito da Nigéria, marcada pela pobreza, sofrimento e outros sinônimos negativos, Hibisco Roxo retratou uma família rica e que tem tudo a sua volta, porém marcada pela repressão, fanatismo religioso e violência. Diante disso é possível considerar que o nigeriano foi descolonizado, pois passou a ter a possibilidade de se reinventar e (re)formar sua identidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Para Educar Crianças Feministas: um manifesto**. Editora Schwarcz S.A., Companhia das Letras. São Paulo – SPÁG. ISBN 978-85-438-0855-0, 2017. Disponível: <<http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Para-Educar-Crian%C3%A7as-Feministas.pdf>> Acesso: 17/06/2018.

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Disponível: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2011/ingles_artigos/falves.pdf> Acesso: 30/07/2018.

_____. **The Location of Culture**. London: Routledge, 1994. Disponível: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/051/RAFAEL_GUARISCHI.pdf> Acesso: 23/07/2018.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialista**. In: BONNICI, T. e ZOLIN, L.O. (org.) Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2005.

_____. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Organização Thomas Bonnici, Lucia Osana Zolin. 3. Ed. Ver. E ampl. Maringá: Eduem, 2009;

BRAH, A. **Cartographies of diaspora: Contesting identities.** London: Routledge, 2002, pág.178-210. Disponível: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/2421/1824>> Acesso: 16/07/2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa.** São Paulo: Ática, 1987. Disponível: <ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/download/3241/2057> Acesso: 30/07/2018.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 1986. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n114/a09n114.pdf>> Acesso: 14/07/2018.

HALL, Stuart. **A Questão da Identidade Cultural.** 3ª edição. São Paulo: Unicamp, 2003.

_____. **Da Diáspora. Identidades e Mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis, Vozes, 2007, pág. 103 a 133. Disponível: <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24350.pdf>> Acesso: 23/07/2018.

LACERDA, Hugo Leonardo Vitório de. **A variação linguística e gramatical no inglês da Nigéria.** Revista África e Africanidades, Ano III, n. 12. 2011. Disponível: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011_09.pdf> Acesso: 06/12/2018.

LOPEZ, Phillippe Sébille-. **Os britânicos e a língua Inglesa na África em geral e na Nigéria em particular.** In: LACOSTE, Yves, RAJAGOLAPAN, Kanavillil (orgs.). *A Geopolítica do Inglês.* São Paulo: Parábola, 2006. Disponível: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011_09.pdf> Acesso: 06/12/2018.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da Conjunção.** Porto Alegre: Sulina, 2005. Disponível: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0954-1.pdf>> Acesso: 23/07/2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Disponível: <<http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/13/Arquivos/09%20Antonio%20Carlos%20e%20Cleionice%20antonio.pdf>> Acesso: 19/06/2018.

MORI, Mario Fernando de. **Foco 49: Os Conflitos na Nigéria.** Cachoeiro de Itapemirim – ES. 2008. Disponível: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e6-ri-46-a-influencia-dos-conflitos-religiosos-no-cenario-politico-e-nas-relacoes-internacionais-conflitos-religiosos-na-nigeria-entre-islamismo-e-cristianismo-na-actualidade-e-as-repercussoes-em-sua/>> Acesso: 06/12/2018.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1988. Disponível: <ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/download/3241/2057> Acesso: 30/07/2018.

ROSA C., SANTOS M., CARDOSO T. **A Influência dos Conflitos Religiosos no Cenário Político e nas Relações Internacionais: conflitos religiosos na Nigéria entre Islamismo e Cristianismo na atualidade e as repercussões em suas relações políticas.** Pós em Revista pág. 338-344. Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas Newton Paiva. Belo Horizonte. 2012. Disponível: < <http://>

blog.newtonpaiva.br/pos/e6-ri-46-a-influencia-dos-conflitos-religiosos-no-cenario-politico-e-nas-relacoes-internacionais-conflitos-religiosos-na-nigeria-entre-islamismo-e-cristianismo-na-actualidade-e-as-repercussoes-em-sua/> Acesso: 06/12/2018.

RUSTAD, Siri Aas. **Power-sharing and Conflict in Nigeria**. Centro de Estudos de Guerras Cívicas - Instituto de Pesquisa Sobre a Paz Internacional. Oslo. 2008. 39pág. Disponível: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e6-ri-46-a-influencia-dos-conflitos-religiosos-no-cenario-politico-e-nas-relacoes-internacionais-conflitos-religiosos-na-nigeria-entre-islamismo-e-cristianismo-na-actualidade-e-as-repercussoes-em-sua/>> Acesso: 06/12/2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Disponível: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rhlm/article/viewFile/5894/4742>> Acesso: 30/07/2018.

SOUZA, Jorge Cleiton Silva; SILVA, Edvania Gomes da. **Memória e Poder no Funcionamento da Congregação para Doutrina da Fé**. XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. 2017. Disponível: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/6942/pdf_634> Acesso: 21/01/2019.

SOUZA, L.M.T.M. **O fragmento Quântico, Identidade e Alteridade no sujeito pós-colonial**. Letras: Alteridade e heterogeneidade. Santa Maria: R.S. – UFSM, janeiro/junho, 1997. Disponível: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/2421/1824>> Acesso: 16/07/2018.

Recebido em 26 de maio de 2019.

Aceito em 4 de junho de 2019.